

# Editorial

Parece ousado afirmar que sem as contribuições das ciências humanas e sociais a contratualidade que garante nossa convivência social não seria suficiente para fazer frente à ganância tanatofílica da sociedade atual que, não apenas tornou insustentável a vida no planeta, mas promoveu a mais abissal desigualdade social e econômica entre grupos sociais da história humana. Portanto, é preciso, cada vez mais, reiterar que somente mediante a permanente reflexão que essas áreas promovem -a respeito do que somos, para onde vamos, e como compreender nossos impasses de fazer vínculos e sociedade- é que conseguimos estabelecer os pactos que têm nos permitido viver, amar os outros, trabalhar e, sobretudo, valorizar a vida. Isso se reflete, por exemplo, no campo das discussões sobre a infância e a juventude. A mentalidade economicista do nosso tempo disseminou concepções da infância como um “custo” para a sociedade dos adultos que conseguem, no máximo, considerá-la como um “investimento”. No final, as crianças e suas demandas representam “gasto” que, nesta veia, é sempre assumido como uma benevolência da sociedade adulta. Pois bem: os cientistas humanos e sociais cujo interesse é a infância e a juventude, por exemplo, apostam que não é possível humanizar-se sem a presença real e fantasmática da infância. E essa é sempre um campo tanto de interrogação como de deciframento. Será porque tal presença evoca uma ontologia do “entre” – dos vivos e dos mortos, simultaneamente – como nos ensinam as cosmologias indígenas (TASSINARI, 2007), ou por outra, uma ontologia que se situa entre o nada e a vida, ao ser anunciada justamente como o começo, o nascimento, como indaga Lyotard (1991) se inspirando em Hannah Arendt? Interrogar sobre, e buscar decifrar a infância propõe articular essa mesma condição paradoxal à adultidade. Assim, vale questionar, somos o que dizemos ser, como adultos? Somos o que queremos ser?

Nesta 36ª edição da DESIDADES, apresentamos sete artigos com foco específico na infância, um com foco na juventude, e outro que abrange tanto a infância como a juventude. Neste conjunto de trabalhos, os/as autoras discutem não somente como a presença das crianças e dos jovens modela e transforma as formas adultas de habitar e produzir o mundo humano, como também resulta em desmentidos sobre os ideais e valores que se professam como orientadores das ações no presente. Se, por exemplo, a constituição do campo das políticas para a infância e a juventude expressa a vontade hesitante de cuidado de uma sociedade adulta em relação aos seus outros, crianças e jovens, faz-se necessário acercar-se de como os discursos sociais operam e fazem produzir – ou não – essa realidade de cuidado. Em três artigos, *Una etnografía interescalar sobre políticas de la primera infancia, Juventudes e Políticas Públicas: ensaiando reflexões sobre os desafios e potencialidades da atuação psicossocial* e *Educación indígena en Costa Rica. Infancia, juventude y aulas hacia el siglo XXI*, os/as autoras exploram a análise das práticas e políticas de intergeracionalidade, seja de cuidado ou de educação formal, problematizando as metodologias que permitem o acesso e a leitura dessas realidades intergeracionais. Assim, de importância fundamental para compreender como a presença das crianças se inscreve no mundo social, constitui a conceitualização *metodológica* da pesquisa que dá forma e corpo ao que se quer pesquisar demandando o escrutínio sobre a reflexividade na pesquisa. Esse aspecto é focado e discutido nos artigos *Difracción, trabajo de campo y voz infantil*, *El columpio del tempo y algunas reflexiones para explorar las memorias de infancia* e *O uso de narrativas literárias na prática de avaliação psicológica infantil*.

Podemos conhecer mais que adultos somos, e qual sociedade adulta ensejamos construir, mediante pesquisas que tomam por foco as crianças e os jovens? Pergunta que demanda pesquisas sobre como crianças e jovens aprendem e apreendem o que os adultos valorizam – tanto explicitamente como mediante a análise dos não-ditos. Os últimos, frequentemente, desmentem o que se professa como valor e norma. Nos artigos, *Niños y regalos: aprender a dar y a recibir en el contexto doméstico*, *Castigo como prática de cuidado? Reflexões a partir de uma etnografia com crianças cabo-verdianas*, como também na própria resenha apresentada nesta edição, *Um fazer coletivo em tempos de pandemia*, os modos de se fazer adulto concomitantemente aos modos de se fazer criança são colocados em análise frente a questões fundamentais da nossa sociedade como a dádiva, a violência e as epidemias. E, convergentemente, a questão da violência é também analisada no contexto amoroso de jovens no artigo *Violência no namoro para jovens universitários à luz do Paradigma da Complexidade*.

Na Seção de Levantamento Bibliográfico, além da resenha já mencionada, trazemos para o público leitor as informações sobre 24 obras encontradas nas áreas das ciências humanas e sociais dos países da América Latina sobre infância, adolescência e juventude. O levantamento contemplou livros publicados no período de dezembro de 2022 a agosto de 2023, cujas informações puderam ser obtidas nos sites de suas respectivas editoras.

Desejamos boa e proveitosa leitura a todos e todas!

**Lucia Rabello de Castro**  
**Editora Chefe**

## REFERÊNCIAS

LYOTARD, J-F. **Lectures d'enfance**. Paris: Galilée, 1991.

TASSINARI, A. Concepções indígenas de infância no Brasil. **Tellus**, ano 7, n. 13, p. 11-25, 2007.

# Editorial

Parece osado afirmar que sin las contribuciones de las ciencias humanas y sociales la contractualidad que garantiza nuestra convivencia social no será suficiente para hacer frente a la ganancia tanatofílica de la sociedad actual que, no solamente volvió insostenible la vida en el planeta, sino que promovió la más abismal desigualdad social y económica entre grupo sociales de la historia humana. Por lo tanto, es necesario, cada vez más, reiterar que solamente mediante la permanente reflexión que estas áreas promueven – acerca de lo que somos, hacia donde vamos, y cómo comprender nuestros impases al hacer vínculos y sociedad – podemos establecer los pactos que nos han permitido vivir, amar a los otros, trabajar y, sobre todo, valorar la vida. Esto se refleja, por ejemplo, en el campo de las discusiones sobre la familia y la juventud. La mentalidad economicista de nuestro tiempo diseminó concepciones de la infancia como un “costo” para la sociedad de los adultos que pueden, como máximo, considerarla como una “inversión”. Al final, los niños y sus demandas representan un “gasto” que, en esta línea, es siempre asumido como una benevolencia de la sociedad adulta. Pues bien: los científicos humanos y sociales cuyo interés es la infancia y la juventud, por ejemplo, apuestan que no es posible humanizarse sin la presencia real y fantasmática de la infancia. Y ésta es siempre un campo tanto de interrogación como de desciframiento. ¿Será porque tal presencia evoca una ontología del “entre” – de los vivos y de los muertos, simultáneamente – como nos enseñan las cosmologías indígenas (TASSINARI, 2007), o por otra, una ontología que se sitúa entre la nada y la vida, al ser anunciada justamente desde el inicio, el nacimiento, como indaga Lyotard (1991) inspirándose en Hannah Arendt? Interrogar y buscar descifrar la infancia propone articular esta misma condición paradójica a la adultez. Así, vale cuestionar, ¿somos lo que decimos ser, como adultos? ¿Somos lo que queremos ser?

En esta 36ª edición de DESIDADES, presentamos siete artículos con enfoque específico en la infancia, uno con enfoque en la juventud, y otro que abarca tanto a la infancia como a la juventud. En este conjunto de trabajos, los/as autoras discuten no solamente cómo la presencia de los niños, niñas y jóvenes modela y transforma las formas adultas de habitar y producir el mundo humano, como también resulta en desmentidas sobre los ideales y valores que se profesan como orientadores de nuestra acción en el presente. Si, por ejemplo, la constitución del campo de las políticas para la infancia y la juventud expresa la voluntad vacilante del cuidado de una sociedad adulta en relación a sus otros, niños y jóvenes, se hace necesario aproximarse a cómo los discursos sociales operan y hacen producir – o no- esa realidad de cuidado. En tres artículos, *Una etnografía interescalar sobre políticas de la primera infancia*, *Juventudes e Políticas Públicas: ensaiando reflexões sobre os desafios e potencialidades da atuação psicossocial y Educación indígena en Costa Rica. Infancia, juventud y aulas hacia el siglo XXI*, los autores y autoras exploran el análisis de las prácticas y políticas de intergeneracionalidad, sea del cuidado o de la educación formal, problematizando las metodologías que permiten el acceso y la lectura de estas realidades intergeneracionales. Así, de importancia fundamental para comprender cómo presencia de los niños y niñas se inscribe en el mundo social, constituye la conceptualización metodológica de la investigación que da forma y cuerpo al que se quiere investigar demandando el análisis sobre la reflexividad en la investigación. Este aspecto es enfocado y discutido en los artículos *Difracción, trabajo de campo y voz infantil*, *El columpio del tempo y algunas reflexiones para explorar las memorias de infancia* y *O uso de narrativas literárias na prática de avaliação psicológica infantil*.

¿Podemos conocer mejor qué adultos somos, y cuál es la sociedad adulta que permitimos construir, mediante investigaciones que toman como interés a los niños, niñas y jóvenes? Pregunta que demanda investigaciones sobre cómo los niños, niñas y jóvenes aprenden y aprehenden lo que los adultos valorizan – tanto explícitamente como mediante el análisis de los no dichos. Los últimos, frecuentemente, desmienten lo que se profesa como valor y norma. En los artículos *Niños y regalos: aprender a dar y a recibir en el contexto doméstico*, *Castigo como práctica de cuidado? Reflexões a partir de uma etnografia com crianças cabo-verdianas*, como también en la propia reseña presentada en esta edición, *Um fazer coletivo em tempos de pandemia*, los modos de hacerse adulto concomitantemente a los modos de hacerse niño son colocados en análisis frente a las cuestiones fundamentales de nuestra sociedad como la dádiva, la violencia y las epidemias. Y, convergentemente, la cuestión de la violencia también es analizada en el contexto amoroso de jóvenes en el artículo *Violência no namoro para jovens universitários à luz do Paradigma da Complexidade*.

En la Sección de Relevamiento Bibliográfico, además de la reseña ya mencionada, traemos para el público lector información sobre 24 obras encontradas en las áreas de las ciencias humanas y sociales de los países de América Latina sobre infancia, adolescencia y juventud. El relevamiento contempló libros publicados en el período de diciembre de 2022 a agosto de 2023, cuyas informaciones pudieron ser obtenidas en los sitios web de sus respectivas editoriales.

¡Deseamos buena y provechosa lectura a todos y todas!

**Lucía Rabello de Castro**

**Jefa de Edición**

## REFERENCIAS

LYOTARD, J-F. **Lectures d'enfance**. Paris: Galilée, 1991.

TASSINARI, A. Concepções indígenas de infância no Brasil. **Tellus**, ano 7, n. 13, p. 11-25, 2007.